



# **PRÁTICAS DE ENSINO DE HISTÓRIA:**

**O relato de mulheres torturadas na Ditadura  
Civil-Militar: O podcast como ferramenta de  
aprendizagem e pesquisa**

**EP. 01**

Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Alagoas-Ifal

Práticas de Ensino de História: O relato de mulheres torturadas na Ditadura Civil-  
Militar: O podcast como ferramenta de aprendizagem e pesquisa

Fábio Francisco de Almeida Castilho



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Alagoas-Ifal

EXPEDIENTE TÉCNICO

Autor:Fábio Francisco de Almeida Castilho

Projeto gráfico: Fábio Francisco de Almeida Castilho  
João Vitor da Silva Santos

Diagramação:João Vitor da Silva Santos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Instituto Federal de Alagoas  
Biblioteca Benevides Monte

981.063  
C352p

Castilho, Fábio Francisco de Almeida.

Práticas de Ensino de História [recurso eletrônico] : O relato de mulheres torturadas na Ditadura Civil-Militar : O podcast como ferramenta de aprendizagem e pesquisa / Fábio Francisco de Almeida Castilho. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 1,88 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

ISBN: 978-65-01-36439-1.

Produto educacional do Projeto de Pesquisa Mulheres escravizadas em Alagoas: uma proposta de pesquisa e ensino a partir de registros de protagonismo feminino nos periódicos locais (1870 e 1880).

Coordenador do Projeto: Dr. Fábio Francisco de Almeida Castilho.

1. Ditadura Militar – Brasil. 2. Mulheres torturadas – Ditadura Militar – Relatos. 3. Podcast – História – Ensino. I. Título.

---

**Franciane Monick Gomes de França**  
**Bibliotecária – CRB 4/1831**

SÚMARIO

Depoimento Roze Nogueira.....P.8

Depoimento Cecília Coimbra.....P.9

Depoimento Yara Spadini.....P.10

Depoimento Maria do Socorro Diogenes.....P.11

Depoimento Hecilda Fontelles Veiga.....P.12

Depoimento Dulce Maia.....P.13

Depoimento Maria Luiza Flores Cunha Bierrenbach.....P.14

Depoimento Izabel Fávero.....P.15

Depoimento Maria Amelia de Almeida Teles.....P.16

Depoimento Lylia Guedes.....P.17

Depoimento Maria Diva de Farias.....P.18

**LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 -Aula “Tortura Nunca Mais” .....P.6

Figura 2 - Aula “Tortura Nunca Mais.....P.7

# APRESENTAÇÃO

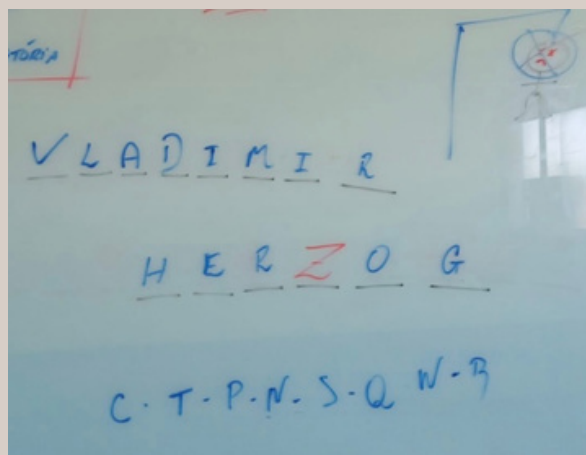
Por muitas vezes o Ensino de História é identificado pelos discentes como uma disciplina distante, marcada pela necessidade de memorização de fatos, datas e nomes. Essa visão, embora enviesada, permanece presente na fala de muitos alunos do ensino médio que resistem ao estudo de História e às Ciências Humanas de maneira geral. Nossa intenção foi estabelecer uma experiência de ensino, com base na pesquisa enquanto princípio pedagógico (Maciel, 2018), que demonstre que o conteúdo de História pode ser apresentado de maneira mais interativa. Ao abordarmos a história recente do país por meio de documentos e relatos de tortura, referentes ao passado recente do país, acreditamos ser possível demonstrar para nossos alunos que o estudo da disciplina pode ser instigante e provocativo.

Buscou-se ao longo da atividade promover a participação e interação dos discentes. Durante a nossa dinâmica introdutória trabalhamos a atividade que Jogo da forca com Vladimir Herzog.

Participaram da dinâmica as turmas do Terceiro Ano do curso Técnico em Eletrotécnica, Terceiro Ano do curso Técnico em Eletrônica e Terceiro Ano do curso Técnico em Química do Ifal campus Maceió, turmas 2024.

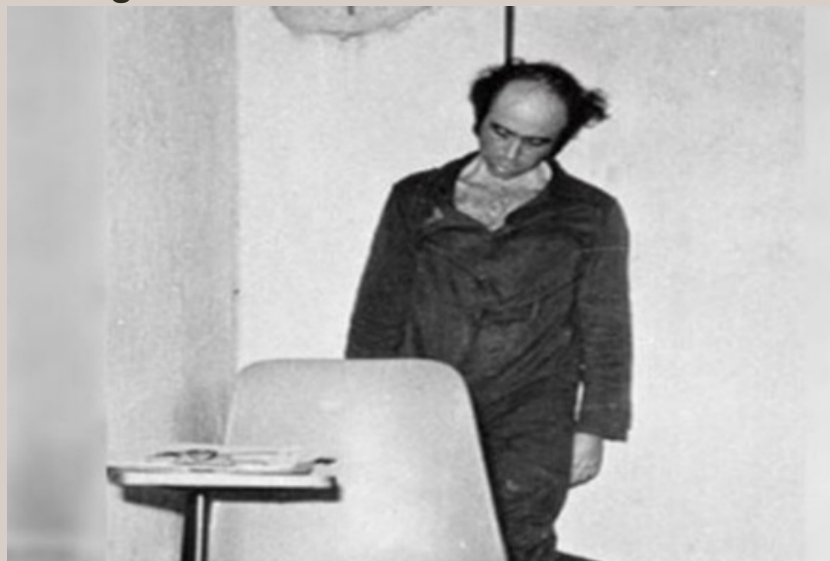
A dinâmica consistiu em propor aos estudantes um tradicional jogo da forca e à medida que os alunos adivinhavam as letras que formavam a frase conseguiram visualizar, depois de muita interação, as primeiras palavras que formaram o tema da atividade: “Tortura nunca mais”. Em uma segunda rodada os alunos tiveram que descobrir o nome do jornalista Vladimir Herzog, morto durante uma prática de tortura em conhecido evento da Ditadura. Em nossa experiência, os alunos do ensino médio do Instituto Federal de Alagoas não conseguiram descobrir o nome do jornalista porque o personagem não era conhecido por eles, além disso, o sobrenome estrangeiro dificulta a adivinhação das letras. Quando o resultado final do jogo é o boneco desenhado na lousa sendo enforcado, colocamos num slide ao lado a imagem de Herzog morto em sua cela e contamos a biografia do personagem e sua morte violenta pelo regime militar. A partir desse choque estreitamos debate sobre as práticas de tortura, perseguição e violência que marcou o período da Ditadura Civil-Militar no país, apresentando relatos da Comissão de Verdade (2013) e evidenciando a violência daquele regime.

**Figura 1 - Aula “Tortura Nunca Mais”**



Fonte: Registro fotográfico da lousa durante atividade “Tortura nunca mais!”, 3º ano do curso Técnico em Eletrônica - Campus Maceió - Aula de História dia 21/10/2024.

**Figura 2 - Aula “Tortura Nunca Mais”**



**Fonte:**<https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/assassinato-de-vladimir-herzog/>

Sobre os relatos da Comissão da Verdade, pedimos para que algumas alunas da turma lessem os relatos em voz alta. Cada relato revela práticas de violência, estupro, tortura e assédio, gerando grande impacto entre os estudantes. O engajamento obtido a partir do momento divertido que o jogo da forca proporcionou, logo se transforma e a aula ganha ares de tensão, os estudantes ficam impactados com os relatos que registram relatos de eletrochoque, espancamento, afogamento e estupros. Depois da leitura e debate de relatos selecionados, os estudantes são divididos em grupos para pesquisarem sobre a vida de cada uma das torturadas, além de contextualizar o período da Ditadura-Civil Militar.

Na próxima aula foi organizada uma roda de conversas, os estudantes comentaram os resultados das suas pesquisas, relacionaram o assunto e fizeram conexões entre a prática de tortura, a existência de um Estado repressivo e os direitos humanos. Ao final da roda de conversas estabelecemos uma estrutura comum de organização para que cada grupo gravasse um podcast no qual fosse apresentado o contexto da ditadura civil-militar e os impactos que o relato das mulheres torturadas lhes provocaram. O resultado pode ser observado nas seções seguintes.

# DEPOIMENTO ROZE NOGUEIRA

ex-militante da Ação Libertadora Nacional (ALN), era jornalista quando foi presa em 4 de novembro de 1969, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, onde é jornalista e defensora dos direitos humanos.



Sobe depressa, Miss Brasil’, dizia o torturador enquanto me empurrava e beliscava minhas nádegas escada acima no Dops. Eu sangrava e não tinha absorvente. Eram os ‘40 dias’ do parto. Na sala do delegado Fleury, num papelão, uma caveira desenhada e, embaixo, as letras EM, de Esquadrão da Morte. Todos deram risada quando entrei. ‘Olha aí a Miss Brasil. Pariu noutro dia e já está magra, mas tem um quadril de vaca’, disse ele. Um outro: ‘Só pode ser uma vaca terrorista’. Mostrou uma página de jornal com a matéria sobre o prêmio da vaca leiteira Miss Brasil numa exposição de gado. Riram mais ainda quando ele veio para cima de mim e abriu meu vestido. Picou a página do jornal e atirou em mim. Segurei os seios, o leite escorreu. Ele ficou olhando um momento e fechou o vestido. Me virou de costas, me pegando pela cintura e começaram os beliscões nas nádegas, nas costas, com o vestido levantado. Um outro segurava meus braços, minha cabeça, me dobrando sobre a mesa. Eu chorava, gritava, e eles riam muito, gritavam palavrões. Só pararam quando viram o sangue escorrer nas minhas pernas. Aí me deram muitas palmadas e um empurrão. Passaram-se alguns dias e ‘subi’ de novo. Lá estava ele, esfregando as mãos como se me esperasse. Tirou meu vestido e novamente escondi os seios. Eu sabia que estava com um cheiro de suor, de sangue, de leite azedo. Ele ria, zombava do cheiro horrível e mexia em seu sexo por cima da calça com um olhar de louco. No meio desse terror, levaram-me para aarceragem, onde um enfermeiro preparava uma injeção. Lutei como podia, joguei a latinha da seringa no chão, mas um outro segurou-me e o enfermeiro aplicou a injeção na minha coxa. O torturador zombava: ‘Esse leitinho o nenê não vai ter mais’. ‘E se não melhorar, vai para o barranco, porque aqui ninguém fica doente.’ Esse foi o começo da pior parte. Passaram a ameaçar buscar meu fillho. ‘Vamos quebrar a perna’, dizia um. ‘Queimar com cigarro’, dizia outro.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (Maria Eduarda da Silva Santos, Maria Júlia de Paulo e Silva e Mayara Santana Santos) Química (Pedro Cesar Celino da Silva e Pedro Lucas Dantas Siqueira)

[https://drive.google.com/drive/folders/1Qf3TzeUmk0NJLLDk7EcUWHBA7qO85P-t?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1Qf3TzeUmk0NJLLDk7EcUWHBA7qO85P-t?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE CECÍLIA COIMBRA

Ex-militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), era estudante de Psicologia quando foi presa em 28 de agosto de 1970, no Rio de Janeiro (RJ). Hoje, vive na mesma cidade, onde foi fundadora do Grupo Tortura Nunca Mais, do qual é presidente. É também professora de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).



Logo que fui levada ao DOI-Codi/RJ – depois de três dias no Dops – recebi na cela onde estava, um pouco antes de a tortura começar, uma estranha ‘visita’: Amílcar Lobo, que se disse médico. Ele tirou minha pressão e perguntou se eu era cardíaca. Ou seja, preparou-me para a tortura para que esta fosse mais efi caz. Os guardas que me levavam, frequentemente encapuzada, percebiam minha fragilidade e constantemente praticavam vários abusos sexuais contra mim. Os choques elétricos no meu corpo nu e molhado eram cada vez mais intensos. Me senti desintegrar: a bexiga e os esfíncteres sem nenhum controle. ‘Isso não pode estar acontecendo: é um pesadelo... Eu não estou aqui...’, pensei eu. O filhote de jacaré com sua pele gelada e pegajosa percorria meu corpo... ‘E se me colocam a cobra, como estão gritando que farão?’. Perdi os sentidos, desmaiei. Em outros momentos, era levada para junto de meu companheiro quando ele estava sendo torturado. Inicialmente, fizeram-me acreditar que nosso filho, de três anos e meio, havia sido entregue ao Juizado de Menores, pois minha mãe e meus irmãos estariam também presos. Foi fácil cair nessa armadilha, pois vi meus três irmãos no DOI-Codi/RJ. Sem nenhuma militância política, foram sequestrados em suas casas, presos e torturados. O barulho das chaves nas mãos de algum soldado que vinha abrir alguma cela era aterrorizante. ‘Quem será dessa vez?’. Quando passavam por minha cela e seguiam adiante, ficava aliviada. Alívio parcial, pois pensava: ‘Quem estará indo para a sala roxa dessa vez?’. Esse farfalhar de chaves me acompanha desde então. Numa madrugada, fui retirada da cela, levada para o pátio, amarrada, algemada e encapuzada. Aos gritos, diziam que eu seria executada e levada para ser ‘desovada’ como num ‘trabalho’ do Esquadrão da Morte. Acreditei. Naquele momento, morri um pouco. Em silêncio, aterrorizada, urinei-me. Aos berros, eles riram e me levaram de volta à cela. Parece que nessa noite não havia muito ‘trabalho’ a fazer.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (Catarina Vitória de Lima Lins e Júlia Emiliano dos Santos)

Química (Rafael Barros de Omena Lima e Thayslanny Santos)

[https://drive.google.com/drive/folders/1LKxtfvpPw9Sv1rK3QknoKp2f\\_9-ZdY9t?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1LKxtfvpPw9Sv1rK3QknoKp2f_9-ZdY9t?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE YARA SPADINI

Trabalhava como assistente social quando foi presa em 27 de janeiro de 1971, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, onde é professora aposentada do curso de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP).



Era muita gente em volta de mim. Um deles me deu pontapés e disse: ‘Você, com essa cara de filha de Maria, é uma filha da puta’. E me dava chutes. Depois, me levaram para a sala de tortura. Pediram que eu me despisse, eu falei que não ia tirar a roupa. O outro disse: ‘Ou você tira ou tiramos nós’. Fiquei em dúvida entre a humilhação de ser despida por eles ou eu mesma me despir. Foi muito humilhante ter de tirar a roupa. Aí, começaram a me dar choques direto da tomada no tornozelo. Eram choques seguidos no mesmo lugar. Havia um desprezo por parte deles. Junto com a ideologia, vinha essa humilhação pelo fato de ser mulher, como se a gente estivesse extrapolando nosso papel de mulher. O tom era de ‘por que você não está em casa, ao invés de estar aqui? Por que você perde tempo com coisas que não lhe dizem respeito?’. Era como se você merecesse ser torturada porque estava fazendo o que não devia ter feito. Um deles me perguntou: ‘Por que você se mete com esses padres revolucionários, com esse pessoal?’. Eu tinha sido presa junto com o Giulio Vicini, que na época era padre. A minha tortura no Dops foi interrompida, e um dos homens disse: ‘Você foi salva pelo gongo’. Na madrugada, fiquei sabendo que o dom Paulo Evaristo Arns intercedeu em nosso favor. Logo nos encaminharam ao Presídio Tiradentes. A atuação de dom Paulo foi direta e imediata. Ele pediu que fizéssemos um relato da tortura sofrida. Na semana seguinte mandou ler em todas as igrejas de São Paulo um comunicado contendo a denúncia de nossa tortura.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (José Anderson Silva dos Santos Costa e José Igor do Nascimento Costa)

Química (Adryan Kauã Macena dos Santos Lima, Eduardo José da Silva e Samuel Lins Cerqueira)

[https://drive.google.com/drive/folders/1oVsZ\\_1CBD6zgeTek2ypIFgA1VolHgi7g?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1oVsZ_1CBD6zgeTek2ypIFgA1VolHgi7g?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE MARIA DO SOCORRO DIOGENES

Ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), era professora quando foi presa no Recife (PE), em 4 de abril de 1972. Hoje, vive em São Paulo (SP), onde é supervisora de ensino da rede estadual.



A primeira coisa que fizeram foi arrancar toda a minha roupa e me jogar no chão molhado. Aí, começaram os choques em tudo quanto é lado – seio, vagina, ouvido – e os chutes. Uma coisa de louco. Passei por afogamento várias vezes. Os caras me enfiavam de capuz num tanque de água suja, fedida, nojenta. Quando retiravam a minha cabeça, eu não conseguia respirar, porque aquele pano grudava no nariz. Um dos torturadores ficou tantas horas em pé em cima das minhas pernas que elas ficaram afundadas. Demorou um tempão para se recuperarem. Meu corpo ficou todo preto de tanto chute, de tanto ser pisada. Fui para o pau de arara várias vezes. De tanta porrada, uma vez meu corpo ficou todo tremendo, eu estrebuchava no chão. Eles abusavam muito da parte sexual, com choques nos seios, na vagina... passavam a mão. Também faziam acareações minhas com um companheiro do movimento estudantil, o Pedro Eugênio de Toledo. Eles obrigavam a gente a se encostar nas partes sexuais e a torturar um ao outro. Tínhamos que por a mão no órgão um do outro para receber choques. Eles também faziam a gente se encostar como se fôssemos ter uma relação, para os dois serem atingidos pelo choque. Fiquei quase um mês sendo torturada diariamente. Em uma outra vez, eles simularam a minha morte. Me acordaram de madrugada, saíram me arrastando, dizendo que iam me matar. Me puseram dentro de um camburão, onde tinha corda, pá, um monte de ferramentas. Deram muitas voltas e depois pararam num lugar esquisito. Aí, soube que não iam me matar, pois me disseram que eu ia ser colocada numa solitária e que iam espalhar o boato que eu tinha morrido.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos do curso de Química (Kamylle Vitória Lins Fonseca e Nelly Maria de Limas Soares)

[https://drive.google.com/drive/folders/1JIBLUx8TnMuY-uKNYIL1D0Qyc8ljxNuL?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1JIBLUx8TnMuY-uKNYIL1D0Qyc8ljxNuL?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE HECILDA FONTELLES VEIGA

Ex-militante da Ação Popular (AP), era estudante de Ciências Sociais quando foi presa, em 6 de outubro de 1971, em Brasília (DF). Hoje, vive em Belém (PA), onde é professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA).



Quando fui presa, minha barriga de cinco meses de gravidez já estava bem visível. Fui levada à delegacia da Polícia Federal, onde, diante da minha recusa em dar informações a respeito de meu marido, Paulo Fontelles, comecei a ouvir, sob socos e pontapés: ‘Filho dessa raça não deve nascer’. Depois, fui levada ao Pelotão de Investigação Criminal (PIC), onde houve ameaças de tortura no pau de arara e choques. Dias depois, soube que Paulo também estava lá. Sofremos a tortura dos ‘refl etores’. Eles nos mantinham acordados a noite inteira com uma luz forte no rosto. Fomos levados para o Batalhão de Polícia do Exército do Rio de Janeiro, onde, além de me colocarem na cadeira do dragão, bateram em meu rosto, pescoço, pernas, e fui submetida à ‘tortura cientifi ca’, numa sala profusamente iluminada. A pessoa que interrogava ficava num lugar mais alto, parecido com um púlpito. Da cadeira em que sentávamos saíam uns fios, que subiam pelas pernas e eram amarrados nos seios. As sensações que aquilo provocava eram indescritíveis: calor, frio, asfixia. De lá, fui levada para o Hospital do Exército e, depois, de volta à Brasília, onde fui colocada numa cela cheia de baratas. Eu estava muito fraca e não conseguia ficar nem em pé nem sentada. Como não tinha colchão, deitei-me no chão. As baratas, de todos os tamanhos, começaram a me roer. Eu só pude tirar o sutiã e tapar a boca e os ouvidos. Aí, levaram-me ao hospital da Guarnição em Brasília, onde fiquei até o nascimento do Paulo. Nesse dia, para apressar as coisas, o médico, irritadíssimo, induziu o parto e fez o corte sem anestesia. Foi uma experiência muito difícil, mas fiquei firme e não chorei. Depois disso, ficavam dizendo que eu era fria, sem emoção, sem sentimentos. Todos queriam ver quem era a ‘fera’ que estava ali

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos do curso de Química (Lara Rayssa da Silva Teles, Juliana Santana da Silva e Kethyleen Vitória da Silva Santos)  
[https://drive.google.com/drive/folders/1qLJG3cPcM9ufnWH6ZsV9ZxS2ClcwH4eK?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1qLJG3cPcM9ufnWH6ZsV9ZxS2ClcwH4eK?usp=drive_link)

## DEPOIMENTO DE DULCE MAIA

Ex-militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), era produtora cultural quando foi presa na madrugada de 26 de janeiro de 1969, em São Paulo (SP). Hoje, vive em Cunha (SP), é ambientalista, dirige a ONG Ecosenso e é cogestora do Parque Nacional da Serra da Bocaina.



Muitos deles vinham assistir para aprender a torturar. E lá estava eu, uma mulher franzina no meio daqueles homens alucinados, que quase babavam. Hoje, eu ainda vejo a cara dessas pessoas, são lembranças muito fortes. Eu vejo a cara do estuprador. Era uma cara redonda. Era um homem gordo, que me dava choques na vagina e dizia: ‘Você vai parir eletricidade’. Depois disso, me estuprou ali mesmo. Levei muitos murros, pontapés, passei por um corredor polonês. Fiquei um tempão amarrada num banco, com a cabeça solta e levando choques nos dedos dos pés e das mãos. Para aumentar a carga dos choques, eles usavam uma televisão, mudando de canal, ‘telefone’, velas acesas, agulhas e pingos de água no nariz, que é o único trauma que permaneceu até hoje. Em todas as vezes em que eu era pendurada, eu ficava nua, amarrada pelos pés, de cabeça para baixo, enquanto davam choques na minha vagina, boca, língua, olhos, narinas. Tinha um bastão com dois pontinhos que eles punham muito nos seios. E jogavam água para o choque ficar mais forte, além de muita porrada. O estupro foi nos primeiros dias, o que foi terrível para mim. Eu tinha de lutar muito para continuar resistindo. Felizmente, eu consegui. Só que eu não perco a imagem do homem. É uma cena ainda muito presente. Depois do estupro, houve uma pequena trégua, porque eu estava desfalecida. Eles tinham aplicado uma injeção de pentotal, que chamavam de ‘soro da verdade’, e eu estava muito zonza. Eles tiveram muito ódio de mim porque diziam que eu era macho de aguentar. Perguntavam quem era meu professor de ioga, porque, como eu estava aguentando muito a tortura, na cabeça deles eu devia fazer ioga. Me tratavam de ‘puta’, ‘ordinária’. Me tratavam como uma pessoa completamente desumana. Eu também os enfrentei muito. Com certa tranquilidade, eu dizia que eles eram seres anormais, que faziam parte de uma engrenagem podre. Eu me sentia fortalecida com isso, me achava com a moral mais alta.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (Celina Loiuse Barbosa de Lima e Samara Maria da Silva Reis)

Química (Ellen Mariany Oliveira Silva e Kayllane Rebecka Rodrigues de Souza Teles)

[https://drive.google.com/drive/folders/1gDqrtE0DxjtHD1UxjK\\_MyLtlWXu2Z5kK](https://drive.google.com/drive/folders/1gDqrtE0DxjtHD1UxjK_MyLtlWXu2Z5kK)

# DEPOIMENTO DE MARIA LUIZA FLORES CUNHA BIERRENBACH

Era advogada de presos políticos quando foi presa em 8 de novembro de 1971, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, onde é procuradora do Estado aposentada.



Ele me disse: ‘Se você sair viva daqui, o que não vai acontecer, você pode me procurar no futuro. Eu sou o chefe, sou o Jesus Cristo [codinome do delegado de polícia Dirceu Gravina]’. Ele falava isso e virava a manivela para me dar choque. Ele também dizia: ‘Que militante de direitos humanos coisa nenhuma, nada disso, vocês estão envolvidos’. E virava a manivela. Havia umas ameaças assim: ‘Vamos prender todos os advogados de direitos humanos, colocá-los num avião e soltar na Amazônia’. Nos outros interrogatórios, eles perguntavam qual era a minha opção política, o que eu pensava, quem pagava os meus honorários, quais eram os meus contatos no exterior, o que eu pensava do comunismo. Para mim, ficou muito claro que eles queriam atemorizar advogado de preso político. Havia uma mudança no tom das equipes. Eram três, e ia piorando. Durante o interrogatório da segunda equipe, eu levei uma bofetada de um e o outro me segurou: ‘Está bravinha porque levou uma bofetada?’. E os homens da terceira equipe diziam: ‘Saia disso, onde já se viu defender esses caras, gente perigosíssima, não se meta nisso!’. Eu estava formada havia menos de um ano, e trabalhava desde o segundo ano no escritório do advogado José Carlos Dias, defendendo presos políticos. Essa era a forma que eu tinha de resistir à ditadura militar, foi minha opção de participação na resistência. Eu fui presa sem nenhuma acusação, fiquei três dias lá sem saber porque estava presa. No terceiro ou quarto dia, eu descobri o motivo: teriam achado num ‘aparelho’ um manuscrito do Carlos Eduardo Pires Fleury, que tinha sido banido do país e que foi meu colega e cliente no escritório. Eu não fui das mais torturadas. Levei choque uma manhã inteira, acho que para saber se eu tinha algum envolvimento com alguma organização clandestina e para que os advogados soubessem que não era fácil para quem militava.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (Ewerton Joaquim da Silva Oliveira e Ivo Angelo Jorge Neto) Química (Artur Machado de Araújo, Maria Luiza Silva de Vasconcelos e Letícia Teixeira Ramalho da Silva) [https://drive.google.com/drive/folders/1Dq1WgmmNGLCeGtWbGEJL2u-HY4DszTyK?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1Dq1WgmmNGLCeGtWbGEJL2u-HY4DszTyK?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE IZABEL FÁVERO

Ex-militante da VAR-Palmares, era professora quando foi presa em 5 de maio de 1970, em Nova Aurora (PR). Hoje, vive no Recife (PE), onde é professora de Administração da Faculdade Santa Catarina.



Eram mais ou menos 2 horas da manhã quando chegaram à fazenda dos meus sogros em Nova Aurora. A cidade era pequena e foi tomada pelo Exército. Mobilizaram cerca de setecentos homens para a operação. Eu, meu companheiro e os pais dele fomos torturados a noite toda ali, um na frente do outro. Era muito choque elétrico. Fomos literalmente saqueados. Levaram tudo o que tínhamos: as economias do meu sogro, a roupa de cama e até o meu enxoval. No dia seguinte, fomos transferidos para o Batalhão de Fronteira de Foz do Iguaçu, onde eu e meu companheiro fomos torturados pelo capitão Júlio Cerdá Mendes e pelo tenente Mário Expedito Ostrovski. Foi pau de arara, choques elétricos, jogo de empurrar e, no meu caso, ameaças de estupro. Dias depois, chegaram dois caras do Dops do Rio, que exibiam um emblema do Esquadrão da Morte na roupa, para ‘ajudar’ no interrogatório. Eu ficava horas numa sala, entre perguntas e tortura física. Dia e noite. Eu estava grávida de dois meses, e eles estavam sabendo. No quinto dia, depois de muito choque, pau de arara, ameaça de estupro e insultos, eu abortei. Depois disso, me colocaram num quarto fechado, fiquei incomunicável. Durante os dias em que fiquei muito mal, fui cuidada e medicada por uma senhora chamada Olga. Quando comecei a melhorar, voltaram a me torturar. Nesse período todo, eu fui insultadíssima, a agressão moral era permanente. Durante a noite, era um pânico quando eles vinham anunciar que era hora da tortura. Quando você começava a se recompor, eles iniciavam a tortura de novo, principalmente depois que chegaram os caras do Dops. Durante anos, eu tive insônia, acordava durante a noite transpirando. De Foz, fomos levados para o Dops de Porto Alegre, onde houve outras sessões de tortura, um na frente do outro. Depois, fomos levados de volta para Curitiba, onde fiquei na penitenciária de Piraquara. Quando finalmente fui para a prisão domiciliar, que durou quatro meses, eu sofri muito, fui muito perseguida e ameaçada. Recebia telefonemas anônimos, passava noites sem dormir.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrotécnica (Camile Vitória dos Santos Silva e Stephany Natalia Berto de Amorim) Química (Déborah Gabriella Tavares dos Santos e Millena do Espírito Santos Soares)  
[https://drive.google.com/drive/folders/1Bi1dVnSlOnECmyHfAIAR6O1j0Jvu2dIV?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1Bi1dVnSlOnECmyHfAIAR6O1j0Jvu2dIV?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE MARIA AMELIA DE ALMEIDA TELES

Ex-militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), era professora de educação artística quando foi presa em 28 de dezembro de 1972, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, é diretora da União de Mulheres de São Paulo e integra a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos 2008, na categoria Defensores de Direitos Humanos.



Fomos levados diretamente para a Oban. Tiraram o César e o [Carlos Nicolau] Danielli do carro dando coronhadas, batendo. Eu vi que quem comandava a operação do alto da escada era o Ustra [coronel reformado do Exército Carlos Alberto Brilhante Ustra]. Subi dois degraus e disse: ‘Isso que vocês estão fazendo é um absurdo’. Ele disse: ‘Foda-se, sua terrorista’, e bateu no meu rosto. Eu rolei no pátio. Aí, fui agarrada e arrastada para dentro. A primeira forma de torturar foi me arrancar a roupa. Lembro-me que ainda tentava impedir que tirassem a minha calcinha, que acabou sendo rasgada. Começaram com choque elétrico e dando socos na minha cara. Com tanto choque e soco, teve uma hora que eu apaguei. Quando recobrei a consciência, estava deitada, nua, numa cama de lona com um cara em cima de mim, esfregando o meu seio. Era o Mangabeira [codinome do escrivão de polícia de nome Gaeta], um torturador de lá. A impressão que eu tinha é de que estava sendo estuprada. Aí começaram novas torturas. Me amarraram na cadeira do dragão, nua, e me deram choque no ânus, na vagina, no umbigo, no seio, na boca, no ouvido. Fiquei nessa cadeira, nua, e os caras se esfregavam em mim, se masturbavam em cima de mim. A gente sentia muita sede e, quando eles davam água, estava com sal. Eles punham sal para você sentir mais sede ainda. Depois fui para o pau de arara. Eles jogavam coca-cola no nariz. Você ficava nua como frango no açougue, e eles espetando seu pé, suas nádegas, falando que era o soro da verdade. Mas com certeza a pior tortura foi ver meus filhos entrando na sala quando eu estava na cadeira do dragão. Eu estava nua, toda urinada por conta dos choques. Quando me viu, a Janaína perguntou: ‘Mãe, por que você está azul e o pai verde?’. O Edson disse: ‘Ah, mãe, aqui a gente fica azul, né?’. Eles também me diziam que iam matar as crianças. Chegaram a falar que a Janaína já estava morta dentro de um caixão.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (Ana Lúcia Januário de Amorim e João Arthur Gomes de Moraes Assis) Química (Cecília Gracielle Sanros da Rocha e Miguel Angelo Gomes dos Santos)  
[https://drive.google.com/drive/folders/1XxORdSuQnUh7McLfXVjJrMZndxDldTsp?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1XxORdSuQnUh7McLfXVjJrMZndxDldTsp?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE LYLIA GUEDES

Ex-militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), era professora de educação artística quando foi presa em 28 de dezembro de 1972, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade, é diretora da União de Mulheres de São Paulo e integra a Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. Recebeu o Prêmio Nacional de Direitos Humanos 2008, na categoria Defensores de Direitos Humanos.



De tudo que eu passei, o pior foi ter assistido à tortura de Odijas [Carvalho de Souza]. Eles abriram a porta da sala de tortura e me fizeram sentar ali do lado para ver. Eram muitos homens. Teve muita porrada: socos, pontapés, palmatória... enfiaram coisas no ânus dele. Isso durou o dia todo, a madrugada inteira, e ele começou a urinar e a vomitar sangue. Quando chegou no hospital, oito dias depois, estava com todos os órgãos destruídos e morreu ali. Durante o dia, eles me deixavam sentada numa cadeira dura, numa sala de expediente do Dops, no caminho para a sala de tortura e para as celas. Eles passavam por ali o tempo todo, tinha muito assédio, puxavam meu cabelo, falavam coisas. Na primeira semana, eu não fui torturada porque estava tudo concentrado no Odijas e nos demais presos, que eram da direção do PCBR. Eu era uma desconhecida da repressão e muito menina, tinha pouco mais de 18 anos. Mas quando passavam por mim, diziam: ‘Amanhã vai ser você, mas aí vai ser diferente’. E diziam coisas nojentas sugerindo que haveria violência sexual. Teve um dia que eu fui interrogada pelo Miranda, que era o chefe dos torturadores. Eu apanhei de palmatória nas nádegas, mãos, pés... Numa das ameaças de violência sexual, o delegado me chamou, disse que eu estava muito magra e perguntou se eu estava trepando muito, pois essa era a melhor maneira de emagrecer. E disse que ele poderia me alimentar bem, me engordar e depois me faria emagrecer com a dieta do sexo. Isso tudo aconteceu no Dops do Recife. Depois eu fui levada para o quartel do Derby, onde também foi muito pesado, porque não tinha instalação para presas. Então, ficamos três mulheres numa cela exposta, sem cortina, com soldados passando e fazendo gracejos. Em 1974, quando eu já estava solta, fui sequestrada pelo Cenimar, onde fiquei 24 horas encapuzada numa cela.

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos dos cursos de Eletrônica (Bruna Vitória Dantas Santos e Elisangela Vitória Ferreira de Lima)

Química (Emy Lee Alencar Lopes, Evelyn Alves dos Santos e Laryssa Roberta Alves Torres)

[https://drive.google.com/drive/folders/1XxORdSuQnUh7McLfXVjJrMZndxDldTsp?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1XxORdSuQnUh7McLfXVjJrMZndxDldTsp?usp=drive_link)

# DEPOIMENTO DE MARIA DIVA DE FARIAS

Era enfermeira quando foi presa em 5 de setembro de 1973, em São Paulo (SP). Hoje, vive na mesma cidade e é aposentada.



Teve uma tortura que aconteceu na véspera do Sete de Setembro. Sei que foi esse dia porque a gente escutava o ensaio das bandas. Me levaram para uma sala com acústica de madeira. Tocava uma música de enlouquecer. Era um som como se estivessem arranhando a parede. A música foi aumentando cada vez mais. Quando eu saí de lá, minha cabeça estava latejando. Por pouco eu não enlouqueci. Lá no DOI-Codi, todo dia eu ia para o interrogatório, e as torturas eram de todas as formas, como na cadeira do dragão, e sempre nua. E eles ameaçavam as pessoas que a gente conhecia. Um dia me chamaram e eu vi o Paulo [Stuart Wright] encapuzado. Reconheci-o pelo terno que ele estava usando, que fui eu quem tinha dado para ele, e também pela voz. Os torturadores falavam muito das presas, ridicularizavam, gritando para você ouvir. Eram coisas libidinosas, como do tamanho da vagina de uma pessoa que eu conhecia. Uma vez, eles me chamaram para um interrogatório com um homem negro que diziam ser um psicólogo. Isso foi muito tocante para mim, porque é claro que chamaram um homem negro para eu me sentir identificada. Um dia, eles me chamaram no pátio e lá estava o satanás encarnado, o capitão Ubirajara [codinome do delegado de polícia Laerte Aparecido Calandra], apoiado num carro, e um outro ao lado dele em pé, e um bando de homens do outro lado. Ele me pôs para marchar na frente dele, para lá e para cá, para lá e para cá durante um bom tempo. E os homens falando: ‘Ô negra feia. Isso aí devia estar é no fogão. Negra horrorosa, com esse barrigão. Isso aí não serve nem para cozinhar. Isso aí não precisava nem comer com essa banhona, negra horrorosa’. E eu tendo de marchar. Imagine só, rebaixar o ser humano a esse ponto...

Para acessar ao Podcast, acesse o link e aproveite a narrativa contada pelos alunos do curso de Eletrônica (Gustavo Rodrigues de Lima Cruz, Hugo Oliveira de Lima Andrade e Matheus de Castro Costa Santos)  
<https://drive.google.com/drive/folders/1wOtmaqy4iiCjm9ygfCSGfmvndEIt0vdk>